

**A CULTURA COMO BASE PARA O ENSINO DE INGLÊS – UMA EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DE METODOLOGIAS ATIVAS**

Gustavo Estef Lino da Silveira (UERJ)  
[gustavolinosilveira@gmail.com](mailto:gustavolinosilveira@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar de que forma a cultura exerce papel central no ensino de uma língua estrangeira, neste caso, o inglês. De acordo com Moran (2001) são cinco as dimensões que compõem as experiências culturais. Partindo desta premissa, levamos também em consideração duas metodologias ativas: a sala de aula invertida e a abordagem baseada em projetos para criarmos um curso de inglês *on-line* com ênfase na cultura e história estadunidenses que se adequasse aos desafios impostos aos alunos de uma escola pública do Rio de Janeiro diante da suspensão das aulas presenciais devido à pandemia de Covid-19 no ano de 2020. Através de uma entrevista com estagiários de Letras, que atuaram nas turmas *on-line*, foi demonstrada a importância do aspecto cultural na motivação dos alunos e também na construção de sentido através da ativação de conhecimento prévio dos estudantes.

**Palavras-chave:**

Cultura. Ensino de inglês. Metodologias ativas.

**ABSTRACT**

The present paper aims at demonstrating how culture plays a central role in the teaching of a foreign language, in this case, English. According to Moran (2001) there are five dimensions that embody cultural experiences. Therefore, we took them into consideration as well as these two active methodologies: flipped classroom and project-based learning to develop an online English course with emphasis in the US culture and history, that fits the challenges faced by students of a public school in Rio de Janeiro during the suspension of classes due to the Covid-19 outbreak in 2020. Through interviews with trainee teachers of the Languages course that taught in these classes, it was demonstrated the importance of the cultural aspect in students' motivation and also in the building of meaning through the activation of learners' previous knowledge.

**Keywords:**

Culture. Active methodologies. English teaching.

**1. Introdução**

Ao longo do ano letivo de 2020 e diante da pandemia mundial causada pelo novo coronavírus Sars-Cov-2, a educação mundial sofreu um grande abalo. Professores tanto de escolas privadas quanto públicas foram desafiados a reinventar sua *práxis* adotando novos modelos de en-

sino que contemplassem uma abordagem pedagógica que desse conta das demandas impostas pela distância e a tecnologia ou a falta dela.

Diante de tal cenário era preciso que a equipe de Língua Inglesa de uma escola pública de educação básica na cidade do Rio de Janeiro conseguisse transpor o curso que era ministrado de forma presencial para um ambiente virtual, mas que também levasse em consideração a dificuldade de acesso dos alunos às tecnologias e de recursos didáticos.

Optamos então por elaborar um curso *on-line* sem adotarmos um livro didático. Logo, acreditamos que era preciso utilizarmos o componente cultural dos países ou até mesmo de um único país de língua inglesa como pano de fundo para contextualização da língua e também como fator motivador de aprendizagem. Sendo assim, escolhemos a cultura e a história dos Estados Unidos da América, tendo como ponto central questões étnico-raciais desde a Guerra Civil Norte-Americana até fatos mais recentes como o movimento #BlackLivesMatter.

Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é demonstrar como a cultura e a história de um país exercem um papel central na aprendizagem de inglês de estudantes de uma escola pública carioca dentro do contexto de educação a distância. Queremos com isso defender que o ensino da cultura relacionada ao(s) país(es), cuja língua materna é o inglês aumenta a motivação do aluno em aprender uma língua, contextualiza tópicos léxico-gramaticais a serem trabalhados em sala e contribui com a interdisciplinaridade com outras disciplinas da área de ciências humanas como História, Geografia, Filosofia e Sociologia.

No entanto, é mister ressaltar que esta proposta é apenas um pequeno recorte a fim de demonstrar a viabilidade pedagógica da abordagem escolhida. Acreditamos também que, de acordo com a BNCC<sup>1</sup>, a língua inglesa deve sim ser ensinada dentro do conceito de língua franca, ou seja, de forma desterritorializada, não pertencente somente aos falantes nativos da mesma, mas pertencente a toda a comunidade global. Não obstante, acreditar no inglês como língua franca não desvalida nossa proposta de utilizar a cultura estadunidense como pano de fundo para o ensino da língua, haja vista que não estamos ensinando o uso de apenas uma variante da língua como correta ao aceitarmos e trabalharmos diferentes sotaques e variações do idioma através da exposição do aluno a

---

<sup>1</sup> Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <https://bityli.com/qYS96C>. Acesso em 27 ago. 2021.

textos originais autênticos em inglês que foram produzidos por falantes nativos e não nativos.

Para tal, desenvolveremos este artigo da seguinte maneira: primeiro apresentaremos os objetivos que norteiam este estudo. Logo em seguida, trataremos da fundamentação teórica que baseia a pesquisa, onde cuidaremos da definição de inglês como língua franca e defenderemos uma proposta de ensino que valoriza o inglês falado pelos falantes nativos, mas não exclusivamente por eles, dando ênfase ao inglês produzido e falado também por falantes não nativos de língua inglesa. Também trataremos da importância de se ensinar cultura e das cinco dimensões culturais que os alunos experimentam ao vivenciá-la. Logo em seguida, falaremos do *corpus* de pesquisa e dos procedimentos de análise, momento esse em que pudemos contar com a observação das aulas por dez estagiários do curso de Letras (Inglês-Literaturas) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que fizeram estágio nesta turma *on-line* e imprimiram suas observações em relação ao aspecto cultural das aulas. Prosseguiremos com a discussão dos dados e as considerações finais.

## **2. Objetivo**

O objetivo do presente artigo é justificar a importância do componente cultural na criação de um curso de língua inglesa no formato digital. Para tal fim, tentaremos apresentar brevemente como as aulas foram desenvolvidas e que metodologias foram utilizadas para tal fim. Além disso, foi de suma importância ouvir os alunos licenciandos do curso de Letras que faziam estágio com o professor nas duas turmas do 2º ano do Ensino Médio (EM) em que o mesmo era docente. A finalidade de ouvir os alunos licenciandos era tentar entender como eles percebiam o papel do componente cultural na elaboração do curso *on-line*.

## **3. Fundamentação teórica**

É inquestionável o fato que a língua inglesa tenha adquirido tamanha importância em todos os meios de comunicação e tenha se consolidado como a grande língua dos negócios e da tecnologia. Tal status foi consolidado a partir da Segunda Grande Guerra onde pudemos ter grandes avanços no desenvolvimento tecnológico, na globalização de bens, serviços e produtos e na importância que os Estados Unidos da América tiveram como potência militar, política e econômica global.

Muitos professores e alunos, no passado, defendiam a falsa ideia de que o inglês de determinado país (Estados Unidos ou Inglaterra, por exemplo) era superior em detrimento ao de outras nações cuja primeira língua ou língua oficial fosse o inglês (como por exemplo, África do Sul, Austrália, Índia, Zimbábue etc.). Isso tinha como consequência alunos muito preocupados em adquirir um determinado sotaque ao invés de outro, emulando sua fala para se assimilar a de um falante nativo. No entanto, sabemos que, nos dias atuais, é muito mais importante para um aprendiz de inglês uma aquisição correta da língua para fins comunicativos sem se preocupar se estão de fato soando como um falante britânico, por exemplo. Segundo Crystal (2011), o inglês que ensinamos e falamos enquanto falantes e aprendizes não nativos do idioma é o Globish, ou seja, a junção das palavras “Global” e “English” (Inglês Global). A definição defendida por Crystal, de um inglês que não é hegemônico de um determinado país falante da língua, mas que sofre influência das próprias culturas dos aprendizes, em muito se assemelha ao conceito de inglês como língua franca (ILF).

Para Lopes e Baumgartner (2019, p. 6) o conceito de inglês como sendo uma língua franca passa pela seguinte questão: “os falantes nativos devem entender que o fato de serem nativos não os dá direito a se acharem linguística ou culturalmente superiores.” Ou seja, não estamos atrelando o aspecto cultural dos Estados Unidos da América como sendo de uma perspectiva autoritária ou impositiva de uma cultura do falante nativo em detrimento a do falante não-nativo. Temos ciência de que é preciso que o ensino de inglês leve em consideração as idiossincrasias dos aprendizes e reconheça de que forma sua língua materna influencia (ou não) na aprendizagem correta do idioma.

### ***3.1. As cinco dimensões culturais no ensino de uma língua estrangeira***

Neste capítulo, faremos algumas considerações acerca da importância de se ensinar cultura como parte do currículo de uma língua estrangeira (no nosso caso o inglês) e as dimensões culturais que deve passar esse ensino.

Ao elaborarmos o plano de curso tendo em mente o ensino de um determinado aspecto cultural da língua, é preciso ter em mente que a cultura deve ser compreendida e ensinada de maneira interligada à língua (MORAN, 2001). Para o autor, a língua é uma parte integrante das cinco

dimensões que compõem a cultura. Ou seja, há cinco dimensões culturais que devem ser levadas em consideração quando ensinamos uma determinada língua. Tais dimensões podem ser divididas em: externas e internas.

As externas seriam de quatro tipos diferentes, sendo elas: a cultura vista como um produto, como prática, como uma comunidade e como pessoas. Já a interna seria uma camada não visível à primeira vista, ou seja, as perspectivas culturais.

Tentaremos exemplificar através de perguntas o que seriam essas cinco dimensões que formam a cultura. Primeiramente, vamos tratar das quatro dimensões externas. Em primeiro lugar, ao pensarmos a cultura como um produto podemos nos fazer as seguintes perguntas: O que é isso? Onde encontro isso? Em um segundo momento, ao enxergá-la enquanto uma prática podemos pensar: Como se usa isso? Quando usamos isso? Em terceiro lugar, como comunidade: Que grupos ou pessoas estão associadas a ela?

Enquanto grupo de pessoas: Que pessoas usam isso? Quem criou isso? E, finalmente, como uma perspectiva (ou interna), poderíamos perguntar: Por que as pessoas criam / usam isso? Que significados isso pode ter na cultura?

Tendo em vista as perguntas norteadoras levantadas acima criamos um quadro (Quadro 1) a seguir que visa a uma melhor organização das dimensões culturais apresentadas por Moran (2001).

Quadro 1: As cinco dimensões culturais.

|                    |             |   |
|--------------------|-------------|---|
| Dimensões Externas | Produto     | O que é isso?<br>Onde encontro isso?  |
|                    | Prática     | Como se usa isso?<br>Quando usamos isso?                                    |
|                    | Comunidade  | Que grupos ou pessoas estão associadas a ela?                               |
|                    | Pessoas     | Que pessoas usam isso?<br>Quem criou isso?                                  |
| Dimensão Interna   | Perspectiva | Por que as pessoas usam isso?<br>Que significados isso pode ter na cultura? |

O quadro apresentado corrobora a visão de que quanto mais experiências e quanto maior for a exposição mais consciência cultural um indivíduo irá adquirir. Com isso, quando escolhemos o tópico cultural como sendo o guia norteador do nosso curso estamos fazendo certas escolhas em detrimento de outras. Estamos aqui priorizando um olhar sobre um determinado lugar e omitindo outro.

A língua é uma grande ponte entre culturas diversas e apesar de entendermos que o inglês deve sim ser ensinado de forma a não priorizar uma única forma da língua acreditamos que também podemos fazer uma tentativa de criarmos um currículo que faça um recorte histórico-temporal acerca de um determinado aspecto cultural de um país de língua inglesa.

Não estamos com isso rejeitando a pluralidade do manifestar de diferentes culturas, formas e maneiras de se falar a língua até porque nas nossas aulas aceitamos a variedade linguística da pronúncia, por exemplo, mas apenas optamos por fazer um recorte histórico que, neste momento, acreditamos fazer sentido. Pois “uma língua é um dispositivo para transmissão de cultura e herança” (NÈRRIERE 2009 apud ANDRÁS, NELU 2017). Assim sendo, queremos que nossos alunos aprendam um pouco dessa cultura, mas sempre olhando e contrastando com sua própria cultura a fim de entender as semelhanças e diferenças entre ambas.

Ainda segundo Nèrriere (2009), Globish é simplesmente uma ferramenta de comunicação. Ora, se acreditamos que língua e cultura estão entrelaçadas por que não ensinarmos os aspectos culturais e históricos dos países falantes da língua inglesa? (tradução nossa).

Para os autores (*op. cit.*, p. 37), “A maior parte da comunicação em inglês do mundo acontece entre falantes não-nativos da língua. Isso é uma prova que não são os falantes nativos que dominam a língua” (t. n.). Ou seja, o fato de estar utilizando material produzido por falantes nativos em nosso curso *on-line* (como por exemplo: vídeos e artigos de revistas e jornais) para a contextualização histórico-cultural das aulas não desconsidera o fato de que o ensino de inglês pode e deve incentivar o uso da língua de forma não hegemônica, ou seja, por outros falantes de inglês que não o tenham como língua materna. Com isso, tanto nas aulas assíncronas (que são postadas na plataforma) quanto nos encontros síncronos (ao vivo) pode sempre haver espaço para a sensibilização dos estudantes quanto a ortografia, pronúncia e formas de se usar a língua em diferentes países de língua inglesa.

É mister ressaltar que muitos cursos e materiais didáticos de inglês hoje em dia já enxergam a língua inglesa como sendo uma língua franca (ILF), ou seja, aceitam e estimulam o uso das diferentes variações do inglês mesmo por aqueles que não dominam a língua. Nesse caso, poderíamos usar como exemplo ouvir uma estudante argentina em intercâmbio falando inglês. Esta, não é sua língua materna, mas a estudante a

utiliza como forma de se comunicar com falantes nativos. O uso da língua inglesa de forma desterritorializada e descolonizada é o que estudiosos denominam de língua franca. (ZAIDAN, 2013).

Aceitamos sim que “outras variedades da língua inglesa que não apenas a estadunidense ou britânica precisam ser apresentadas aos alunos no desenvolvimento das habilidades receptivas e nas de compreensão, assim como os temas trazidos para a sala de aula, os quais abrangem questões sociais de alcance global, e que precisam ser ampliados.” (SILVA, 2019, p. 161). Ao mesmo tempo, acreditamos que podemos fazer um recorte pela cultura e história norte-americanas como forma de nos conscientizarmos sobre os problemas da nação estadunidense se soubermos ter uma postura acolhedora e não nos atrelarmos a apenas uma maneira de se falar inglês. É de suma importância atrelarmos as diferenças culturais entre os povos e principalmente entre a cultura que serviu de fundo para a contextualização da unidade da aula e os problemas que os alunos enfrentam em seu país.

Por fim, ressaltamos a importância do inglês ensinado em sala de aula como sendo uma língua franca, o que significa que ele não pertence apenas aos estadunidenses ou britânicos, mas ele é usado por quem quer que seja para se comunicar com outros e como uma oportunidade de aprender novas culturas.

#### **4. Descrição do corpus e procedimentos**

No caso a que nos propomos descrever, trataremos dos desafios de se criar um curso de língua inglesa para duas turmas de 20 alunos cada do 2º ano do EM de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro. Os alunos desta escola estudam o idioma desde o 6º ano do ensino fundamental, muitos não fazem curso de inglês e utilizam o livro didático distribuído pelo PNLD<sup>2</sup>.

Nas aulas presenciais é dada ênfase no ensino das quatro habilidades da língua (são elas: compreensão leitora e auditiva, escrita e fala) com um pouco mais ênfase na habilidade oral. As aulas têm sua base na abordagem comunicativa enfatizando a habilidade oral na aprendizagem do idioma.

---

<sup>2</sup> Programa Nacional do Livro Didático. Programa do Governo Federal que distribui livros didáticos para as escolas públicas de educação básica do Brasil.

O maior desafio ao criarmos o curso foi letrar digitalmente alunos e professores a fazerem uso da plataforma Moodle<sup>3</sup> como ambiente virtual de aprendizagem (AVA). A partir daí foi discutido em conjunto com os demais professores de inglês da escola que a transposição literal dos moldes da aula da forma presencial para o virtual poderia ocasionar em alunos desmotivados, aumento de ansiedade, dificuldades de acesso e conexão à rede além de problemas de saúde ocasionados ao longo tempo de exposição às telas.

Sendo assim, decidimos investigar sobre a sala de aula invertida (do inglês, *flipped classroom*) e a aprendizagem baseada em projetos (do inglês, *Project based learning*, PBL). Passaremos a seguir a definir o que vem a ser as duas metodologias que basearam nosso curso.

A sala de aula invertida foi criada por professores de disciplinas das áreas de exatas que perceberam que gastavam muito tempo de suas aulas, explicando as teorias quando poderiam otimizar o tempo síncrono, transferindo toda a parte teórica para ser realizada em casa (através de vídeos e textos). Embora a abordagem tenha tido início nas aulas de ciências exatas, a mesma vem se expandindo para o ensino de línguas, principalmente nas aulas ministradas remotamente.

Ainda acerca da sala de aula invertida podemos afirmar que é uma abordagem na qual o trabalho “que tradicionalmente era feito na sala de aula agora é feito em casa e, o que tradicionalmente era dever de casa agora é realizado em sala” (BERGMAN; SAMS, 2012, p. 13).

A abordagem ganhou força entre os educadores após a palestra de Sal Khan em 2011.<sup>4</sup> O objetivo principal das aulas invertidas é que os alunos passem a maior parte do tempo em sala de aula pondo em prática o que foi aprendido em casa.

Nas aulas da escola analisada neste artigo o conteúdo invertido não se deu somente com a gravação de vídeos, mas também com a leitura de textos, jogos *on-line* e apresentação de conteúdo léxico-gramatical.

Um dos motivos pelos quais os professores de inglês invertem suas aulas é por se considerarem facilitadores no processo de ensino e, com isso, liberam mais tempo da aula para o uso de atividades comunicativas

---

<sup>3</sup> O Moodle é um sistema de código aberto para a criação de cursos online. Também conhecido como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.ted.com/talks/sal\\_khan\\_let\\_s\\_use\\_video\\_to\\_reinvent\\_education?language=en#t-346391](https://www.ted.com/talks/sal_khan_let_s_use_video_to_reinvent_education?language=en#t-346391). Acesso em 05 nov. 2021.



(Cf. FLIPPED, 2020). Entre as vantagens da abordagem estão: ela auxilia os alunos que possuem dificuldades de aprendizagem específica, permite ao aluno aprender no seu próprio ritmo, aumenta a interação entre os estudantes durante a aula, cria mais oportunidades de *feedback* e dá mais autonomia aos educandos (*Op. cit.*, 2020, p. 6-9).

Com tudo isso, o tempo em sala é utilizado para a realização de experimentos já que a teoria fora previamente apresentada e estudada em casa. Da mesma maneira, a sala de aula invertida nas aulas de inglês funciona de maneira a dar todo o *input* necessário à aprendizagem dos alunos em momento anterior ao encontro com o professor no que chamamos de “pré-aula”. Para o sucesso dessa metodologia de ensino, é de suma importância que os alunos cheguem ao encontro síncrono com a pré-aula já realizada e a parte teórica já estudada a fim de que utilizemos o pouco tempo síncrono disponível para se praticar as estruturas, discutindo tópicos, melhorando a oralidade e sanando dúvidas. O que invertemos não deve ser considerado como um dever de casa tradicional, mas estamos otimizando o nosso tempo de aula síncrona.

A aprendizagem baseada em projetos (PBL) consiste na realização de um projeto macro que conduz o ensino de inglês dentro daquele ano de escolaridade. Para se desenvolver uma aula ou um curso com base no PBL é preciso que o professor apresente uma pergunta-motriz a seus alunos. E essa pergunta será respondida ao final do projeto através de uma solução que pode culminar na apresentação de um produto final, como um jornal histórico, por exemplo (Cf. MOURSOUND, 2016). De acordo com o autor (*op. cit.*, p. 52) é importante que cada aula ou sequência de aulas levem os estudantes a desenvolver pequenas tarefas de culminância que irão auxiliá-los na criação do projeto final. Essas tarefas podem ser consideradas o ápice da aula, o momento em que o aluno mostra o que realmente aprendeu e une seu conhecimento de mundo junto a ferramentas tecnológicas como *sites* ou aplicativos de celular para desenvolver sua habilidade na língua inglesa.

O PBL é importante no momento da pós-aula no qual o aluno termina o encontro síncrono tendo esta tarefa de reflexão crítica para realizar e/ou um pequeno produto a criar, de preferência com o uso de ferramentas digitais (*apps*). Tais tarefas realizadas ao final de cada encontro síncrono irão auxiliar o aluno na culminância da realização do projeto final do curso, ao qual ele já chegará com muito mais maturidade e expertise, pois cada aula contribuiu para a realização de um pequeno passo do projeto.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Como pano de fundo para o ensino da língua foi preciso fazer um recorte acerca do tema macro que os alunos iriam estudar. Tendo em vista ser uma escola em que os alunos costumam ter consciência crítica acerca das questões que afetam a sociedade e o mundo, decidimos fazer um recorte pelo tema da história estadunidense com base na escravidão dos negros e o racismo.

Uma pequena demonstração da organização das aulas *on-line* pode ser vista nas figuras a seguir (1, 2 e 3):

Figura 1: organização da aula com a apresentação do conteúdo pré-aula.



Figura 2: Apresentação e contextualização do aspecto cultural na aula.

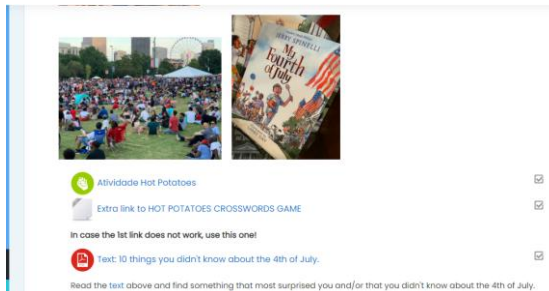
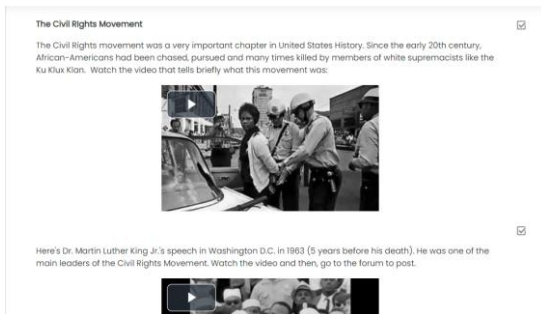


Figura 3: vídeos explicativos para aprofundamento das questões culturais.



## 5. Discussão dos dados

Para nos auxiliar na compreensão do papel do componente cultural na elaboração do currículo e de que forma o mesmo era compreendido por aqueles que assistiam a aula (no nosso caso os estagiários já que os alunos não foram ouvidos diretamente), elaboramos um formulário com a pergunta única “O quanto o aspecto cultural permeia o ensino de inglês nas aulas do 2º ano do EM?” e que foi respondida por 10 alunos do curso de Letras com habilitação em Inglês-Literaturas da UERJ e que faziam estágio docente na plataforma virtual com o professor da turma. Segue a seguinte transcrição das respostas compiladas.

### Estagiário 1:

Culture is a strong topic present in the lesson as a way that communicates with teaching skills. It is much better to teach English using culture as a teaching skill because the teacher can provide students with a huge cultural background by presenting many linguistic aspects of the language through culture. As Topic 4 is related to the 4<sup>th</sup> of July and Juneteenth, the teacher can explore these festivities to both discuss their cultural aspects and teach linguistic features of English. For instance, the activity in which the teacher asks students to compare the differences and similarities of Independence Day between the US and Brazil.

### Estagiário 2:

The topic of culture is much present in this lesson, mainly in the pre-class activities which are all related to culture. A grammatical topic is presented too, but the topic of culture is still there.

Estagiário 3:

A lot. Although the consolidation of a grammar topic – the Present Perfect - is one of the goals of the class, it's done through the cultural contextualization. Both pre and post-class are mainly about cultural topics, what gives students time to produce language during the synchronous class.

Estagiário 4:

When teaching a language, we do not only teach grammar, vocabulary, pronunciation and so on. We are teaching culture as well. It's important for students to know about culture, especially the USA culture since many of them dream of visiting this country. Moreover, every time students know about culture it opens their horizon and makes them more tolerant. The 4<sup>th</sup> of July is an important holiday for American people, through its cultural topic the teacher explores vocabulary and grammar.

Estagiário 5:

The topic of culture is 100% present when it comes to the teaching of language: the texts are about American culture, the forums in which students have to write comments and make comparisons are about culture, the vocabulary exercise is related to culture, the examples and explanation of Present Perfect are taken from the text about culture, and the reflection and database is about culture.

Estagiário 6:

I would say that culture is the basis of this lesson. Culture is intertwined with the lesson's purpose, which aims at debating concepts of freedom whereas students are introduced to two American festivities, the 4<sup>th</sup> of July and Juneteenth.

Estagiário 7:

The cultural events explored in this topic are useful in contextualizing a grammar point of this class: the present perfect. The students are asked to read a text about the 4<sup>th</sup> of July and the Juneteenth where they will have their first contact with the present perfect in a more natural way. This strategy is essential to avoid presenting a grammar topic by lecturing about it out of context and adopting a pure linguistic approach.

Estagiário 8:

The topic is used as background for the grammar itself. Cultural aspects of the holiday can be observed all through the lesson while the topic is explored, the fourth of July that is when Americans celebrate their independence and how we, Brazilians, do it. It is relevant that the American holiday is thought, but even more relevant how the holiday is celebrated here in our country too; always thinking of theirs but also ours.

Estagiário 9:

In this lesson, the topic of culture permeates a lot, actually. The students got to know about talking about the future using will but to get to this point they learned about the Civil Rights Movement, an important part of the history and, undoubtedly, a cultural topic

Estagiário 10:

All the class, from the beginning to the end. The topic exalts the importance of knowing a museum and arouses the students to know a museum, know more about the 'National Center for Civil and Human Rights', so in terms of culture the topic is well served

Como podemos ver anteriormente, os estagiários reconhecem a importância do elemento cultural como fator de contextualização para apresentação de conteúdo linguístico e sua importância na pré- e pós-aulas tanto para ativação de conhecimento prévio quanto para a prática do conteúdo e possível reflexão crítica acerca de questões que também perpassam a realidade dos alunos.

O estagiário 1 relata que ensinar a língua tendo como pano de fundo a cultura auxilia na apresentação de aspectos linguísticos pertinentes aos países de língua inglesa. Consequentemente, diríamos que o aspecto cultural ajuda na sensibilização dos estudantes em relação a nuances tanto culturais quanto do idioma em si. Os temas culturais que são trazidos tais como: as celebrações do feriado da independência estadunidense, *Juneteenth* e a Guerra Civil auxiliam na introdução da aula e são pontos-chave para a apresentação de novo conteúdo da língua, após aprenderem inglês de forma contextualizada fóruns de discussão são criados para que os alunos exerçam sua habilidade de letramento crítico e possam dar opiniões acerca dos tópicos apresentados.

Em seu relato de observação das aulas, o estagiário 4, por exemplo, afirma que “ao ensinar uma língua não ensinamos apenas gramática, vocabulário, pronúncia, etc. Ensinamos a cultura também”. (t.n.). Já o estagiário 5, relata que “o tópico cultural está 100% presente no ensino da língua” (t. n.).

Os estagiários perceberam a importância de se contextualizar o ensino da língua na contribuição para uma aprendizagem mais eficaz e relatam o ganho cultural trazido aos estudantes durante as aulas. Os estagiários 4, 6, 7 e 8 relatam que ensinar uma língua perpassa os caminhos da cultura. Essas percepções encontram ressonância nas contribuições de Moran (2001) que citamos anteriormente as quais os alunos podem fazer

reflexões sobre as diferenças e semelhanças entre os países e os aspectos e dimensões culturais propostos pelo autor. Como cita o estagiário 4, a importância de se discutir valores patrióticos e as diferenças nas celebrações do dia da independência tanto para brasileiros quanto para os estadunidenses. Tais discussões corroboram para aumentar o senso crítico dos alunos em relação ao seu sentimento de pertencimento e orgulho a sua nação.

Em suma, todos os estagiários relataram que a cultura exerce um papel central no ensino da língua e destacaram sua importância para motivar o aluno e contextualizar a apresentação do conteúdo.

## **6. Considerações finais**

Tivemos o cuidado de selecionar materiais que corroborassem a divulgação da questão da cultura e da história estadunidense como fator de contextualização para o ensino da língua inglesa. Os textos redigidos pelos estagiários licenciandos confirmaram o papel central da cultura como elemento catalisador para o ensino do idioma.

Com isso, tentamos demonstrar a importância do ensino da cultura e da história de forma integrada à aprendizagem da língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÁS, L. J.; NELU, B.-E. *Globish in Europe*. Grotius, Budapeste 2017. Disponível em: <http://www.grotius.hu/publ/displ.asp?id=YCBPHV>. Acesso em: 12 mai. 2021.

BERGMANN, J. SAMS, A. *Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

CRYSTAL, D. English – a status report. *Spotlight*. 2011p. 28-33. Disponível em <https://www.davidcrystal.com/Files/BooksAndArticles/-4076.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2021.

FLIPPED learning. *Cambridge papers in ELT series*. CUP, UK, jul. 2020. Disponível em: [https://www.cambridge.org/br/files/9115/9438/9974/CambridgePapers\\_in\\_EL\\_T-Flipped\\_Learning\\_minipaper\\_ONLINE.pdf](https://www.cambridge.org/br/files/9115/9438/9974/CambridgePapers_in_EL_T-Flipped_Learning_minipaper_ONLINE.pdf). Acesso em: 04 nov. 2021.

KUMARAVADIVELU, B. The post-method: (E)merging strategies for second/foreign language teaching. *TESOL Quarterly* 28, p. 27-48, 1994.

LOPES, R. S. BAUMGARTNER, C. T. Inglês como língua franca: implicações e explicações. *The Specialist*, v. 40, n. 2. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/37053/30663> Acesso em: 09 ago. 2021.

MORAN, P. Language-and-culture. In: \_\_\_\_\_. *Teaching culture: perspectives in practices*. Boston-MA, Heinle & Heinle, 2001.

MOURSOUND, D. *Project-based learning using information technology*. Washington, D. C.: International Society for Technology in Education, 2016.

SILVA, F. M. O ensino de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios. *Trab. Linguística Aplicada*, n (58.1): 158-76, Campinas, jan./abr. 2019.

ZAIDAN, J. C. S. de M. *Por um inglês menor: a desterritorialização da grande língua*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas-SP, 2013. 222p. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270842>. Acesso em: 2 ago. 2021.